

VOTE BEM

CONFIRME

*QUE VOCÊ É
CONSCIENTE*

**Sistema Federação das Indústrias do Estado do Paraná
Conselhos Temáticos e Setoriais**

Para onde vai o Brasil: o pensamento político dos estudantes do
Colégio Sesi e do Senai no Paraná

Relatório de Pesquisa encomendada pelo Gabinete da Presidência

Curitiba

2018

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Agradecimentos

Ao Presidente do Sistema FIEP, Edson Campagnolo, pelo seu incessante apreço e comprometimento com o futuro da democracia brasileira.

Ao Superintendente Corporativo do Sistema FIEP, Irineu Roveda Jr., e à Gerente Executiva de Relações Institucionais, Adriana Brandão, pela supervisão e orientação precisos, sem os quais o Vote Bem não seria possível.

Ao Superintendente do Sesi/IEL e Diretor Regional do Senai, José Antonio Fares, à Gerente Executiva de Educação, Giovana Chimentão Punhagui, e à Gerente Executiva de Projetos Estratégicos, Maria Cristina de Souza Rocha, e Lilian Luitz, pelo apoio e viabilização das ações do Vote Bem em todos os âmbitos de ensino do Sistema FIEP.

À Gerência de Projetos e Articulação Estratégica, Caroline Arns, por sua contribuição inestimável no planejamento estratégico e na operacionalização das ações educacionais do Vote Bem.

À Gerente de Marketing Institucional, Thaís Cristiane da Silva, e a sua equipe, Carina Moris, Camila Roberta Ofner Santos, Poliane Brito, Thaís Ramos de Almeida, pelo suporte e parceria nas ações de mídia e redes sociais.

A toda a equipe do Sesi e Senai, pela viabilização da pesquisa, seja coletando milhares de respostas nos quatro cantos do Paraná, seja contribuindo à elaboração do questionário, também autores deste Relatório.

À Gerente Executiva dos Observatórios, Marília de Souza e equipe, Raquel Valença, Carlos Eduardo Fröhlich e Michelli Stumm, pela supervisão e apoio técnico – a simplificação de categorias e procedimentos metodológicos são de nossa inteira responsabilidade!

Ao Gerente dos Conselhos Temáticos e Setoriais, João Arthur Mohr, que nos abraçou e nos abriga, e Eloyse Bacila, que esteve conosco deste o início.

Ao atual Gerente Executivo de Assuntos Internacionais, Reinaldo Tockus, pela parceria inestimável.

Ao Assessor da Presidência, Dorgival Lima Pereira, que faz o Vote Bem respirar e lhe dá musculatura para continuar a inovar.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Índice

Agradecimentos	2
Resumo	4
I. Introdução	5
II. Sobre a Pesquisa	6
III. Resultados	7
III.1. Confiança e Democracia	7
III.2. Jovens e Democracia	9
III.3. Comprometimento com a Democracia	12
Conclusões: o que fazer?	17
Equipe	18
Questionário	19

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Resumo

Esta pesquisa teve dois objetivos: (1) testar a premissa de que os estudantes jovens estão “apáticos” e indiferentes com os rumos do Brasil e (2) investigar sua cultura política, tendo em vista tornar a política e a sociedade brasileiras efetivamente mais democráticas.

Descobrimos que os estudantes do Colégio Sesi e do Senai, menos do que apáticos, têm ojeriza à política tradicional. Essa distinção é importante porque ojeriza, necessariamente, implica que o objeto do desprezo (a política) é, de alguma forma, relevante.

Nesse sentido, os jovens estão frustrados pelos resultados aparentes da política tradicional, porém: (1) a maioria declara apreço pela democracia e por valores democráticos; (2) boa parte, se tivesse os meios, os recursos e o know-how necessários, considerariam se candidatar.

Ao mesmo tempo, embora a maioria dos estudantes declarem-se favoráveis à democracia, boa parte não coloca esse apreço em prática. Isso, provavelmente, está ligado às circunstâncias acima.

A situação é preocupante, mas tem solução. Ela é trabalhosa e exige tempo. Passa por reformas no sistema eleitoral, visando corrigir distorções do sistema proporcional, o custo das campanhas e seu financiamento, e na forma de recrutamento e seleção dos candidatos. Também exige melhores mecanismos de prevenção e combate à corrupção.

Concomitante, é preciso fazer com que uma cultura política mais cívica, democrática, germine nos jovens – o mais cedo possível. Isso passa pela promoção de programas que qualifiquem estudantes em temas de interesse público, como gestão e controle social, e programas que os “empoderem”, inserindo-os nos espaços do Poder e quebrando o abismo, tipicamente autoritário e provinciano, entre as “autoridades” do Estado e os plebeus, submissos ao grande Leviatã.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

I. Introdução

O Brasil atravessa um período crítico. Seu sistema partidário distorceu a representatividade democrática, os Poderes desempenham abaixo do esperado e a corrupção no âmbito público e privado se instalaram como regra. Esse estado de anomia, no entanto, vai além da política: é também um fenômeno social e moral.

Por trás da maneira como se faz política e negócios, há um corpo de dispositivos legais que regulam o funcionamento da mais poderosa organização de um país – o Estado. E, a partir dele, as leis, normas e convenções que afetam a sociedade e a economia.

Por trás da maneira como se faz política e negócios há também uma mentalidade densamente arraigada nos brasileiros. Essa mentalidade se formou ao passar das décadas e dos séculos, pela transmissão de valores, hábitos e ideias desde a mais tenra infância, que amadureceram desde nossa fundação colonial. Do seio familiar ao sistema de ensino, à TV, à internet e aos meios de comunicação, um país é formado por uma mentalidade coletiva, uma cultura que afeta o país em todos os seus âmbitos, inclusive, é claro, a política.

As lamúrias que acometem o Brasil não são de hoje e não vão mudar se não reformarmos os alicerces do país.

Um alicerce são suas instituições: aperfeiçoar leis e normas que regem o Estado e o sistema político. Outro é sua cultura política: tornar a mentalidade dos brasileiros mais republicana. Pessoas que se preocupem com o bem-estar dos próximos (empatia coletiva), que priorizem mais o mérito do que os laços pessoais (meritocracia), que inconscientemente separem o que pertence a todos (público) do que pertence a si (privado), que entendam e que exijam que as autoridades públicas sejam e se comportem como funcionários a serviço dos que os sustentam – o povo.

Uma mentalidade – quanto mais a mentalidade de milhões – é mais difícil de modificar do que um ordenamento jurídico-legal.

Para isso, o meio mais eficaz de que dispomos – embora não o mais fácil – é a educação dos mais jovens. O ensino nas escolas, nos colégios, nas universidades e nas comunidades é decisivo para começarmos essa complexa reforma. Com paciência, perseverança e firmeza, é possível fazê-lo.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

II. Sobre a Pesquisa

Em face do contexto desafiador, um passo importante é mapear o pensamento político dos estudantes. Em primeiro lugar, trabalhamos com o público ao nosso alcance: estudantes de Ensino Médio do Colégio Sesi e estudantes de Cursos Técnicos do Senai, ambos no Sistema FIEP.

No Senai, participaram 11.118 nas modalidades de Iniciação Profissional, Qualificação Profissional, Aperfeiçoamento Profissional, Aprendizagem Industrial e Habilitação Técnica. No Colégio Sesi, de um total de 2.341 estudantes, participaram 1.703 do primeiro e segundo anos do Ensino Médio, abrangendo todo o Paraná. A margem de confiança é de 99% para ambas as amostras.

O questionário se baseou no Latinobarômetro de 2016, aperfeiçoado e adaptado aos propósitos da pesquisa, com base em trabalhos clássicos sobre Cultura Política, em particular Gabriel Almond, Sidney Verba e Robert Putnam. O Google Forms foi utilizado como instrumento de coleta. Os alunos responderam ao questionário nos laboratórios de informática do Sesi e Senai, orientados pelos professores. O período de coleta foi de abril a maio de 2018. Os dados foram processados com o Sphinx iQ2.

Este Relatório foi redigido em linguagem não acadêmica e parte do questionário foi adaptado aos objetivos estratégicos do Vote Bem, não podendo ser tratado como um trabalho rigorosamente científico. O uso de ferramentas estatísticas mais sofisticadas, à busca de covariâncias, ficará para uma próxima oportunidade.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

II. RESULTADOS

III.1. CONFIANÇA E DEMOCRACIA

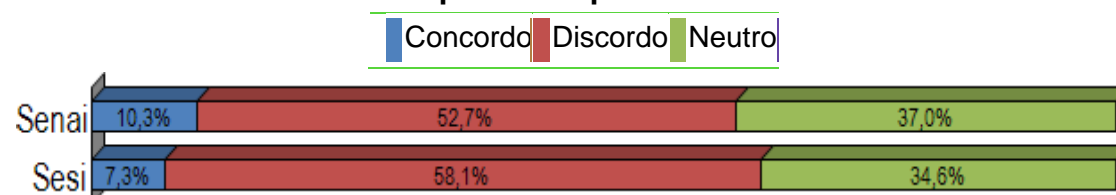
O funcionamento adequado de uma democracia está ligado à (des)confiança entre as pessoas. Nessa situação, é preciso tomar uma série de precauções, tornando nossas relações com os outros mais complexas e custosas – é preciso impor e passar por testes de confiança subliminares, interpretar cuidadosamente as entrelinhas, prestar atenção se algo está sendo ocultado, e por aí vai. No dia a dia, por via das dúvidas, agimos à luz da premissa de que um estranho é desonesto, de que nos compromissos deve sempre imperar a cautela, o plano B e C.

Numa relação comercial, teremos uma série de precauções, desnecessárias em um contexto de confiança, isto é, num lugar onde um cartório não é bom negócio. Um cenário de desconfiança contribui para aumento da complexidade legal e para hipertrofiar a burocracia no Estado, nas empresas e nas organizações: é preciso criar inúmeros dispositivos para inibir e punir abusos, comportamento antiético, e eventualmente criminoso. As consequências econômicas são óbvias.

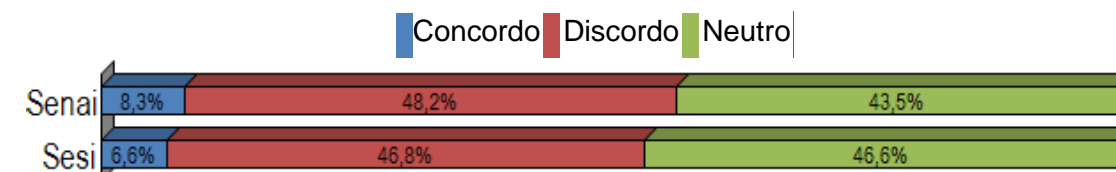
A desconfiança também contribui para a corrupção sistêmica – escolher e agir de forma corrupta pelo medo constante de que os outros estão, de alguma forma, “levando vantagem”. O resultado é que o país como um todo torna-se travado, disfuncional e, no limite, inviável.

A seguir, essa questão será abordada por meio de afirmações, em que os respondentes podem concordar, discordar ou serem neutros.

“Podemos confiar na maior parte das pessoas”



“Os brasileiros, em geral, são um povo honesto”



VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

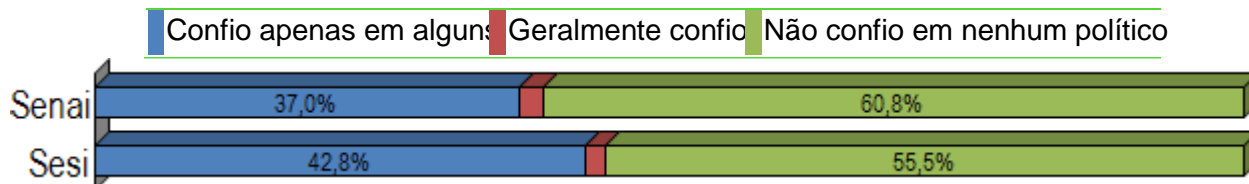
O grau de confiança interpessoal é baixíssimo. O percentual de confiantes é quase insignificante, com 10,3% (Senai) e 7,3% (Sesi). Curiosamente, quando especificamos nossa afirmação referindo-nos aos “brasileiros”, a confiança cai ainda mais.

Se a juventude desconfia tanto de seu próprio povo, como ela poderá se comportar, trabalhar, votar buscando a ética e o bem comum, no futuro?

Como já mostravam Platão, Aristóteles e, sobretudo, Maquiavel, num ambiente de desconfiança profunda e generalizada, a reação natural é se portar de forma beligerante, buscando garantir os próprios interesses a qualquer preço. Moralidade, normas e leis passam a ser tratadas, inconscientemente, como cortina de fumaça para ocultar um estado de ameaça constante. Num ambiente de lobos, a empatia e o comportamento ético tornam os “ingênuos” em presas fáceis. Nessa linha de pensamento, os brasileiros, em geral, se protegem sendo corruptos.

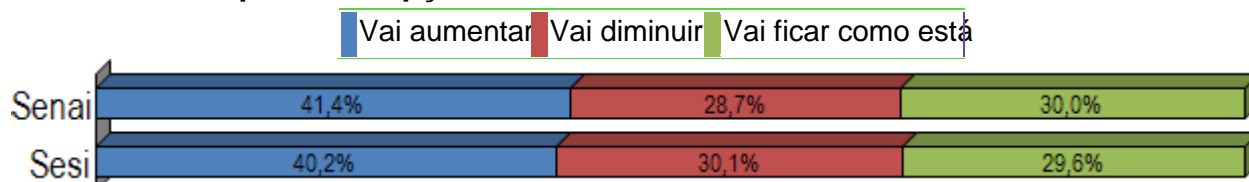
É de se supor que isso tudo afete a relação dos brasileiros com seu governo. Começaremos explorando a opinião dos estudantes com relação ao voto e às eleições.

O quanto você confia nos políticos?



Quando questionados sobre sua confiança nos políticos, ou seja, nos agentes fundamentais da representação democrática, a opinião dos estudantes corresponde às visões mais pessimistas. Em 12.821 estudantes, a confiança plena é irrisória (2,2% e 1,7%), enquanto a desconfiança completa supera a metade.

Você acredita que a corrupção vai aumentar ou diminuir no Brasil?



Temos, portanto, uma desconfiança que atravessa a sociedade brasileira, das inúmeras e minúsculas interações diárias até as instituições que comandam o país. Parecemos viver em

VOTE BEM

CONFIRME

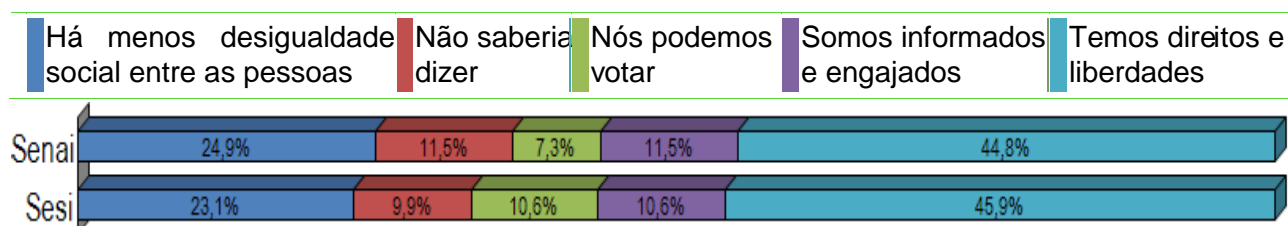
**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

um navio corroído pela desconfiança, dos fundos dos porões à cabine do capitão, abandonado à mercê da sorte em meio à tempestade.

III.2. JOVENS E A DEMOCRACIA

A desconfiança interpessoal e a ojeriza aos políticos afetariam a confiança na própria democracia? Em primeiro lugar, é preciso saber o que os estudantes entendem como democracia.

Para você, um país é democrático quando...



A maior parte dos respondentes concorda com a concepção clássica de democracia: há democracia quando há Estado de Direito. Um quarto dos estudantes aderem a uma concepção social-democrata: um país é democrático quando as pessoas não são separadas por abismos de renda e status. Um décimo concordou com a concepção participativista, que entende como democrático o país no qual a sociedade civil é altamente mobilizada e atuante. Também um décimo adere à concepção minimalista, que exige a existência de eleições livres e competitivas. Por fim, contingente semelhante não tem posição.

A nosso ver, este é um cenário positivo. Em primeiro lugar, por volta de 90% dos estudantes tomaram alguma posição e, mais do que isso, manifestaram aderir a alguma das quatro concepções de democracia

Em ordem de adesão: (1) democracia liberal; (2) democracia social; (3) democracia deliberacionista/participativa; (4) democracia minimalista.

Na próxima questão chegamos à confiança na democracia, um dos nossos alvos principais.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Confiança na democracia

É sempre melhor
viver em uma
democracia

Mais importante do que viver
em uma democracia é melhorar
a nossa remuneração

Não faz diferença se
vivemos ou não em uma
democracia

Não saberia
dizer



Temos um cenário mais complexo. Por um lado, a confiança na democracia não atingiu um estado crítico (menos de 25%). Por outro, a confiança é apenas razoável: 1/5 dos estudantes diz que mais importante é melhorar seus rendimentos, 1/10 diz que não faz diferença e outros 1/5 têm dúvidas.

“Não faz diferença” pode ser interpretado como apatia; “melhorar a remuneração” como insatisfação com o desempenho econômico em uma democracia e “não saber dizer” como indiferença. Todos indicam falta de confiança na democracia, da mais grave à mais amena.

Há, portanto, uma dúvida razoável quanto à capacidade de a democracia brasileira produzir benefícios palpáveis.

De fato, a literatura política é clara quanto às condições de sustentação de um regime: se governos sucessivos são incapazes de (1) garantir a segurança e (2) melhorar as condições de vida dos governados, estes tendem a questionar não só o governo, mas o próprio regime.

Nessas circunstâncias, a população se torna mais receptiva a alternativas radicais, como governos autoritários capazes de convencer de que garantirão segurança e crescimento econômico.

Veja-se que a maioria adere ao ideal de democracia, porém menos acreditam na democracia brasileira atual. Caso o mesmo se aplique à maioria da população, se (1) os direitos e liberdades forem mais respeitados; (2) se houver menos desigualdade social e econômica e (3) se houver mais participação e informação, haverá mais apoio e confiança na democracia brasileira, gerando um círculo virtuoso.

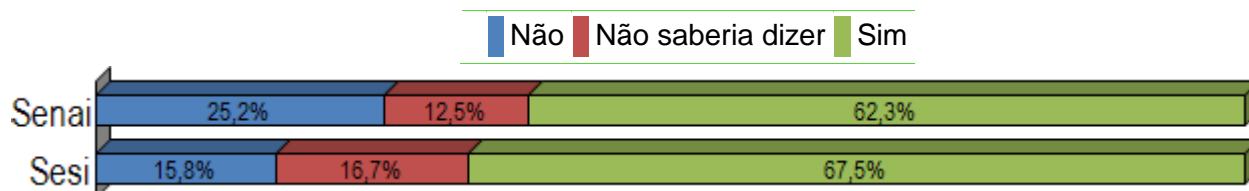
O apreço pelo ideal da democracia emerge com mais força quando, justamente, avaliamos a confiança no voto, como explora a questão a seguir.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Você acredita que o voto pode melhorar nosso país?



Partimos da democracia em abstrato para a democracia na prática: confiança no voto. Aqui, a maioria confia no poder do voto, aproximadamente 1/4 não confiam e 1/9 têm dúvidas.

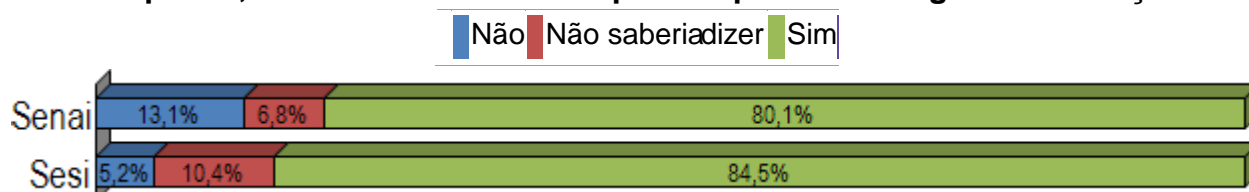
Apesar do descrédito generalizado com a política presente, o voto ainda é visto como um instrumento de transformação pela maioria, apesar da descrença não desprezível.

Nesse cenário, há clara oportunidade de aumentar, na prática, a confiança na democracia caso haja renovação política e melhora no estado político-econômico do país.

Também salta aos olhos, pela primeira vez, que há uma diferença mais pronunciada entre Sesi e Senai. Estudantes mais velhos e ligados a ofícios técnicos parecem mais desencantados. Na questão anterior, o mesmo público também se mostrou menos afim à democracia. O estado deteriorado da economia e a escassez de lideranças provavelmente afetam as perspectivas profissionais desse público, tornando-os politicamente mais pessimistas. Isso reforça o impacto da crise econômica sobre a confiança na democracia e a necessidade urgente de melhoria de indicadores econômicos palpáveis, como o desemprego.

A seguir, entramos no âmbito da informação e conhecimento políticos.

Na sua opinião, conhecer mais sobre a política pode fazer alguma diferença?



Conhecimento sobre política também é apreciado como instrumento de transformação – e mais do que o próprio voto.

Temos um indicador positivo. Por um lado, o voto ainda é considerado importante. Por outro, os estudantes percebem que fatores que estão por traz da qualidade do voto, como informação e reflexão política, são ainda mais importantes.

VOTE BEM

CONFIRME

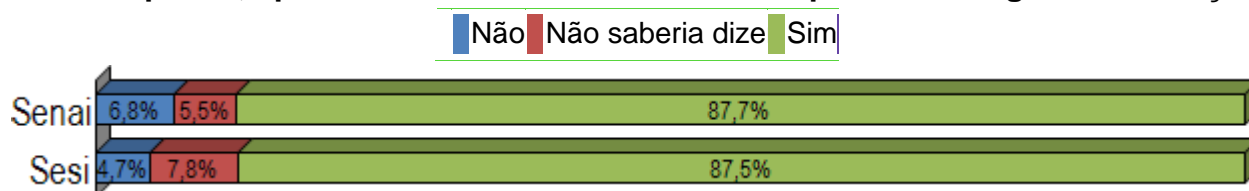
**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Em suma, negar o voto e negar conhecimento político são indicadores importantes da confiança nas instituições democráticas. Existe, sim, uma descrença que não podemos ignorar, porém há ainda um cenário favorável às instituições democráticas. Melhorar esse cenário exige aperfeiçoar a representatividade do sistema político e diminuir casos de corrupção sistêmica.

Outro ponto digno de nota é a diferença entre Sesi e Senai, pronunciada nesta questão: os estudantes do Senai estão mais pessimistas. Em particular, o contingente de descrentes no Senai (13,1%) é 151,9% superior ao do Sesi (5,2%).

Seguimos à receptividade ao aprendizado de temas ligados a Cidadania nas escolas.

Na sua opinião, aprender sobre cidadania na escola pode fazer alguma diferença?



Temos amplo apoio no Senai e no Sesi. Nesse sentido, note-se que os dados indicam mais prestígio de cidadania frente a política. Isso sugere que o público é sensível à disseminação de cultura cívica – o fundamento cultural e moral de uma democracia madura.

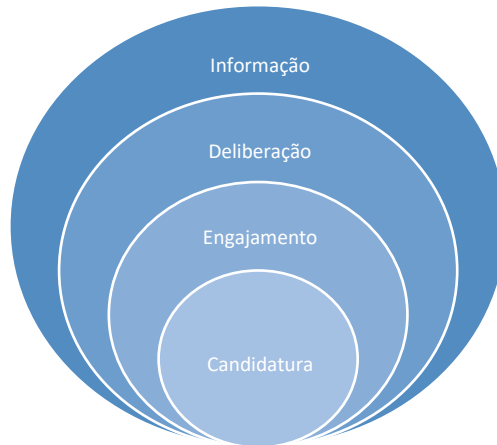
III.3. COMPROMETIMENTO COM A DEMOCRACIA

Os estudantes afirmam apoiar a democracia. Em que medida a palavra dos estudantes se traduz, na prática? Perguntamos se eles praticam certas formas de engajamento fundamentais em uma democracia. Dos mais fáceis aos mais exigentes: informação, deliberação e engajamento e candidatura.

VOTE BEM

CONFIRME

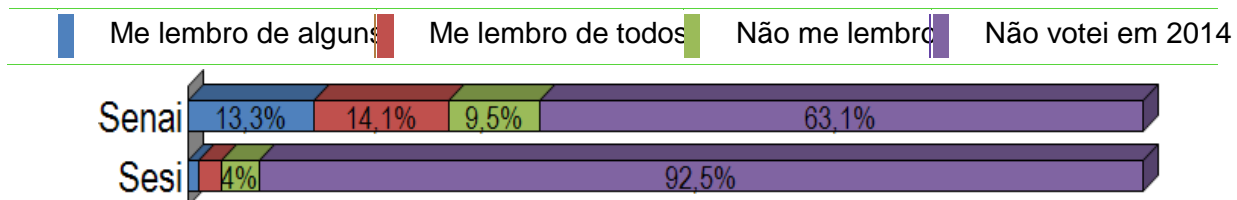
**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**



Partimos do mínimo:
nas eleições de 2014.

lembrar-se de quem votou

Você se lembra dos candidatos em que votou nas Eleições de 2014?



No Senai, como há estudantes de várias idades, nem todos são obrigados a votar. Entre os que declararam ter votado, o percentual de lembro de todos superou não me lembro. Talvez isso surpreenda, considerando-se o maior número de candidatos das eleições federais e estaduais.

No Sesi, o contingente de eleitores é quase insignificante (7,5%). Entre este contingente, a maior parte não se lembra (4%).

Uma explicação para a diferença entre Senai e Sesi é o impacto das políticas públicas sobre a vida de profissionais e trabalhadores técnicos. A política, por assim dizer, os afetaria de forma mais palpável.

Nesse sentido, é clara a necessidade de demonstrar e convencer os estudantes – certamente não só do Colégio Sesi – dos impactos reais e críticos da política em suas vidas pessoais, como fazemos no Vote Bem.

VOTE BEM

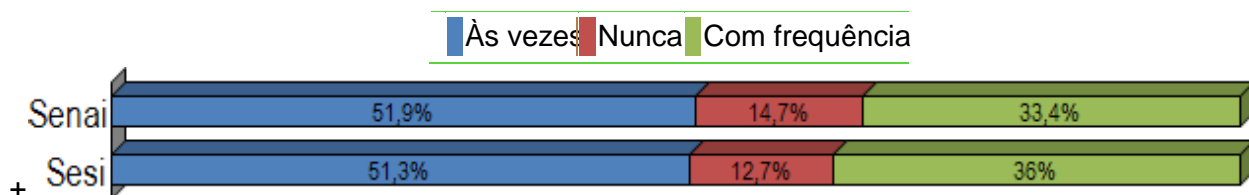
CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Informar-se sobre política

Informar-se sobre os assuntos comuns é a ação cívica mais simples. Como em qualquer área da vida, a informação alimenta as intenções que, por sua vez, guiam a ação. Um público sem acesso – ou pior, que não quer acessar – informação é um público refém do poder.

Perguntamos aos estudantes se eles buscam informação às vezes, nunca e com frequência:



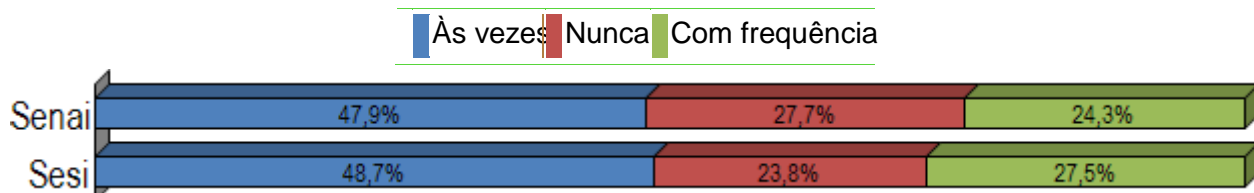
Os dados demonstram que a confiança declarada na democracia, vista nos tópicos anteriores, não se converte, na mesma proporção, em ação cívica concreta. Apenas 1/3 dos estudantes diz informar-se frequentemente e metade se informa às vezes.

Atentemos que, por um lado, o contingente dos que se informam é razoável. Por outro, buscar informação exige pouco esforço – portanto, é insuficiente: há uma queda significativa no apoio à democracia quando passamos da palavra à ação.

Adiante, entramos no terreno da deliberação.

Discutir sobre Política

Informar-se pode contribuir para um voto mais consciente, mas ainda é uma ação cívica limitada: não há interação com outros. Assim, não há agregação de preferências e amadurecimento de ideias e atitudes que, adiante, adentrem na arena política e possam inspirar leis e políticas públicas. Na questão a seguir, perguntamos aos estudantes com que frequência discutem sobre política.



Há uma queda esperada, já que discutir exige mais do que se informar. Em relação à questão anterior, as proporções caem mais ou menos 10% em “às vezes” e “com frequência”, enquanto “nunca” sobe na mesma proporção.

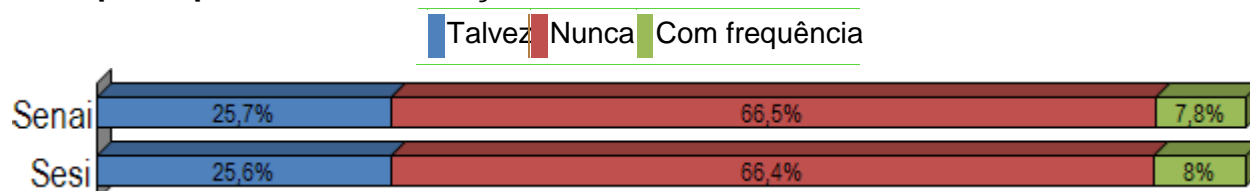
VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Seguimos para ações cívicas mais relevantes – e exigentes. Neste ponto, entramos no campo da participação semidireta no processo político. Perguntamos aos estudantes com que frequência participam de manifestações ou movimentos sociais.

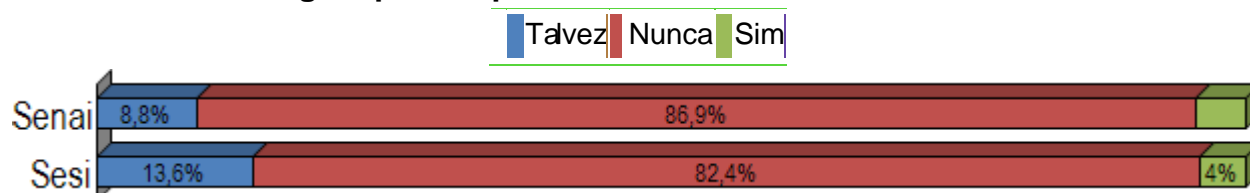
Você participaria de manifestações ou movimentos sociais?



Neste ponto, a aversão emerge com vigor. Quando saímos do campo do pensamento e da deliberação para a ação direta, apenas 8% dos estudantes dizem que participariam de manifestações ou movimentos. A maioria não faria isso.

No nível seguinte, levamos a participação à política tradicional, abordando a filiação partidária.

Você se filiaria a algum partido político?



Quando finalmente tocamos a política propriamente dita, manifesta-se a aversão à política. O contingente dos estudantes que se filiaria a partidos é insignificante: inferior a 5%.

Veja-se: quando mencionamos coisas que intuitivamente associamos à palavra “política” – partidos, políticos, propagandas enfadonhas – os estudantes têm repulsa. Se informam e deliberam razoavelmente, mas evitam a política como algo nefasto: a reprovação à política tradicional é análoga aos níveis de reprovação entre povos de países em guerra¹.

¹ Para o grau de reprovação dos Estados Unidos entre povos do Oriente Médio após a invasão do Iraque, cf. Pew Research Center, “A Year After Iraq War”. Disponível em: <http://www.peoplepress.org/2004/03/16/a-year-after-iraq-war/> Acesso em: 6 set. 2018.

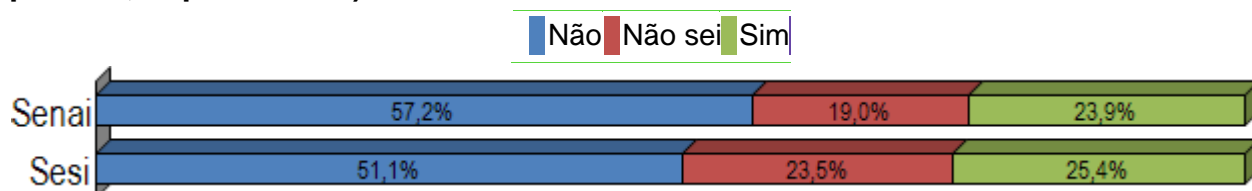
VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Diante dessas magnitudes, resta algo a fazer? Na próxima questão, perguntamos se os estudantes se candidatariam, caso tivessem oportunidade.

Se você tivesse oportunidade, seria candidato(a) para algum cargo público (vereador, prefeito, deputado etc.)?



Quando colocamos os mesmos estudantes em uma hipotética situação de protagonismo, temos uma surpresa: um quarto dos estudantes afirma que sim. Outro quarto não descartaria a possibilidade.

Em outras palavras, aproximadamente metade de um contingente de 12 mil estudantes teria interesse em participar da política – caso tivesse as condições necessárias para fazê-lo. Como isso é possível, já que mais de 80% nunca se filia a um partido, e os índices de confiança na política brasileira são tão baixos (Seção III.2)?

Ao que parece, há uma intenção reprimida de agir politicamente. Esse aparente paradoxo é dissipado com a expressão “se você tivesse oportunidade...”: em um sistema eleitoral renovado e associado a políticas públicas de inclusão política, que fornecesse aos estudantes os meios e o know-how necessários para quebrar as barreiras de entrada à arena política, mais estudantes sairiam de seu estado de paralisia.

É por este motivo que, antes de apatia, os estudantes têm ojeriza à política tradicional. Enquanto essa aversão continuar, os mesmos atores continuarão a se reproduzir no poder.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Conclusões: O que fazer?

As constatações aqui apresentadas poderiam ser generalizadas aos demais estudantes? Sabemos que os alunos do Colégio Sesi apresentam mais engajamento do que a média, mas acreditamos que, na média, as opiniões e posicionamentos dos demais estudantes não se alterariam ao ponto de anular o quadro que desenhamos.

Dito isso, algumas medidas podem otimizar o aperfeiçoamento da representação na democracia brasileira – a partir dos jovens.

Isso passa pela reforma do sistema partidário, visando estimular o ingresso de novas lideranças. Essa reforma deve ser desenhada de modo a enfraquecer o poder dos caciques e das famílias tradicionais e tornar o processo de seleção de candidatos mais transparente.

O barateamento das campanhas também é uma condição necessária. A circunscrição das eleições legislativas em distritos menores pode favorecer o ingresso de candidatos com menos recursos e mais próximos de sua comunidade.

Concomitante, é preciso implementar, em cursos técnicos ou no ensino regular, programas de estímulo à profissionalização da gestão pública em todo o território nacional, a partir de experimentos como o “Jovem no Controle”, dos Tribunais de Contas, que usam o Orçamento Familiar como ponto de partida para abordar temas mais complexos.

Atividades como o “Parlamento Jovem”, dos Tribunais Regionais, são instrumentos interessantes para inculcar cultura cívica nos estudantes. Nesse sentido, outras atividades que desafiem os estudantes a colocarem em prática conceitos fundamentais de Cidadania são imprescindíveis, em particular envolvendo suas comunidades. Em suma, é preciso simular situações em que os jovens têm o poder e situações em que lhes é exigida uma ação cívica – racional, impessoal, comunitária –, em outras palavras, uma mentalidade democrática.

É isso o que fazemos atualmente no Vote Bem, reunindo parceiros e executando ações a partir dos quatro pilares de inovação civil: voto e eleições, controle social e gestão pública, cultura democrática e novas lideranças.

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Equipe

Vote Bem

Fernando Gutz Leite Ye

Dorgival Lima Pereira

Gerência Econômica, Desenvolvimento e Fomento

Roberto Zurcher

Gerência de Projetos e Articulação Estratégica

Caroline Arns

Sesi/Senai

Lilian de Fatima Correa Luitz

Berenice Happel Cavalheiro

Sandra Cristina Brasil Toloto

Ederson Halair Hammes

Jacielle Feltrin Vila Verde Ribeiro

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

Questionário

I. Confiança interpessoal

1. Indique o quanto você concorda ou discorda das afirmações abaixo:
- | | Concordo | Neutro | Discordo |
|--|----------|--------|----------|
|--|----------|--------|----------|

1.1. Podemos confiar na maior parte das pessoas

1.2. Os brasileiros, em geral, são um povo honesto

II. Pensamento político

2. Você acredita que o voto pode melhorar nosso país?
- A. Sim
 - B. Não
 - C. Não saberia dizer
3. Você se lembra em quem votou nas eleições de 2014?
- A. Me lembro de todos
 - B. Me lembro de alguns
 - C. Não me lembro
 - D. Não votei em 2014
4. O quanto você confia nos políticos?
- A. Geralmente confio
 - B. Confio apenas em alguns
 - C. Não confio em nenhum político
5. Na sua opinião, a melhor forma de dizer que vivemos em uma democracia é quando...
- A. Temos direitos e liberdades
 - B. Somos informados e engajados
 - C. Há menos desigualdade social entre as pessoas
 - D. Não saberia dizer
6. Com qual das alternativas abaixo você está mais de acordo?
- A. É sempre melhor viver em uma democracia
 - B. Mais importante do que viver em uma democracia é melhorar a nossa remuneração
 - C. Não faz diferença se vivemos ou não em uma democracia
 - D. Não saberia dizer

VOTE BEM

CONFIRME

**QUE VOCÊ É
CONSCIENTE**

7. Você acredita que a corrupção vai aumentar ou diminuir no Brasil?
- A. Vai diminuir
 - B. Vai ficar como está
 - C. Vai aumentar
 - D. Não sei

III. Comprometimento político

8. Você se envolve nas atividades a seguir?

	Sim	Às vezes	Nunca
A. Procurar se informar sobre política			
B. Discutir sobre política			
C. Participar de manifestações ou movimentos sociais			
D. Filiar-se a um partido político			

9. Qual meio você prefere utilizar para se informar sobre os candidatos?
- A. TV
 - B. Portais na Internet
 - C. Redes sociais
 - D. Não procuro me informar
10. Se você tivesse oportunidade, seria candidato(a) para algum cargo público (vereador, prefeito, deputado etc.)?
- A. Sim
 - B. Não
 - C. Não sei

IV. Receptividade a metas estratégicas do Vote Bem

11. Na sua opinião, conhecer mais sobre a política pode fazer alguma diferença?
- A. Sim
 - B. Não
 - C. Não sei
12. Na sua opinião, aprender sobre cidadania na escola pode fazer alguma diferença?
- A. Sim
 - B. Não
 - C. Não saberia dizer